



VIDA RELEVANTE II COMUNHÃO COM JESUS ESTUDO 792

*“... o que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos, para que também tenhais comunhão conosco; e a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo.”
I João 1:3*

Estudo: 8 de janeiro 2026

Igreja: 21 de janeiro 2026

INTRODUÇÃO

Neste mês de janeiro, o Espírito Santo nos conduz a uma pergunta essencial: O que realmente torna a nossa vida relevante para Deus? Não buscamos relevância diante das pessoas, nem reconhecimento humano ou resultados visíveis apenas, como aprendemos nas Primícias.

Nosso desejo é agradar ao Senhor. E a Escritura nos ensina que agradar a Deus não começa no que fazemos para Ele, mas em andar com Ele em comunhão (I Jo 1:3).

Ao longo deste mês, caminharemos por quatro dimensões fundamentais da comunhão cristã: com Deus Pai (*estado na semana passada*), com Jesus Cristo, e, nas próximas semanas, com o Espírito Santo e com os irmãos.

Estes temas não competem entre si; eles se complementam e revelam a maturidade de uma fé viva, saudável e bíblica. Em todos eles, uma mesma ação prática sedimenta a comunhão: uma vida devocional diária, intencional e constante.

Hoje, ao estudarmos sobre a comunhão com Jesus. Não falaremos apenas em conhecer Jesus, mas em viver com Jesus. Existe uma diferença entre saber quem Ele é, e permanecer n'Ele (Jo 15:4).

Existe uma diferença entre servi-Lo à distância e caminhar diariamente ao Seu lado. É possível estar ocupado com muitas tarefas espirituais e, ainda assim, perder o essencial, a comunhão íntima com Jesus. (Lc 10:38-42)

Por isso, esta palavra nos convida a revisar prioridades, focos e escolhas. Ao tratar deste tema, consideraremos três fundamentos que sustentam a comunhão com Cristo:

- A graça que nos alcançou (Ef 2:8-9),
- A fé pela qual vivemos (Gl 2:20),
- A identidade que recebemos n'Ele (II Co 5:17),

Que seguem acompanhados de um elemento indispensável:

- E a vida devocional diária, como atitude contínua que desenvolve, preserva e aprofunda essa comunhão (Sl 1:1-3; Mt 6:6)

O nosso objetivo, ao final deste estudo, é muito claro: desejamos sair com um coração mais rendido a Cristo, uma vida devocional mais firme e escolhas mais alinhadas com a presença de Jesus em nós.

Queremos que a nossa comunhão com Ele deixe de ser ocasional e se torne o centro da nossa vida diária. Porque, quando nós permanecemos em Cristo, a nossa vida se torna, de fato, relevante para Deus.

Desfrute!



Conectando-se ao Tema (definição)

Comunhão traduz o termo grego **koinonía** (κοινωνία) ¹, que significa participação ativa, partilha de vida, associação íntima e vínculo relacional contínuo. No hebraico bíblico, a ideia se aproxima de **hābar** (הָבַר) ², “unir; ligar-se; associar-se”.

No Novo Testamento, *comunhão* não é mera proximidade espiritual, mas participação real na vida de Cristo, implicando identidade compartilhada, compromisso e permanência. Ter comunhão com Jesus é viver unido a Ele, participando de Sua vida, graça e missão, de modo contínuo e transformador (I Jo 1:3; Jo 15:4).

FUNDAMENTOS DA COMUNHÃO COM JESUS

1. A GRAÇA, QUE NOS ALCANÇOU

A comunhão com Jesus sempre começa pela graça, nunca pelo esforço humano. Graça traduz o termo grego **cháris** (χάρις) ³, que expressa favor imerecido, iniciativa divina e ação salvadora de Deus em favor do ser humano. Isso significa que não fomos nós que nos aproximamos de Cristo, mas foi Ele quem nos alcançou primeiro. A comunhão não nasce do mérito; nasce da misericórdia revelada na cruz (Ef 2:8–9).

Esse ponto é fundamental, porque sem a compreensão correta da graça, a comunhão se degenera em religião. Quando a graça é esquecida, a vida cristã passa a ser medida por desempenho, comparação e culpa. Paulo afirma que toda a vida cristã, do início ao fim, é sustentada pela graça. Não apenas fomos salvos por ela; continuamos vivendo por ela. ⁴ (Rm 5:1–2)

Além disso, a graça não apenas nos perdoa; ela nos convida à permanência. Jesus não chamou os discípulos apenas para crerem n’Ele, mas para estarem com Ele (Mc 3:14). Essa permanência não é fruto de esforço humano, mas da graça que sustenta a comunhão diariamente. Quando essa verdade se perde, corremos o risco de substituir comunhão por ativismo espiritual, medindo nossa vida cristã por atividades e não por proximidade com Cristo. ⁵ (Jo 15:4–5).

Assim, compreender a graça é essencial para uma comunhão saudável com Jesus. Quem vive pela graça se aproxima de Cristo com confiança, não com medo; com gratidão, não com barganha. A graça nos coloca aos pés do Senhor e nos mantém ali, conscientes de que tudo começa, continua e termina n’Ele.

Observe a ação da Graça:

1.1 - A graça que nos une a Cristo e não apenas nos perdoa.

A graça não atua apenas no momento do perdão; ela estabelece união real com Cristo. Paulo afirma que Deus nos abençoou “em Cristo” com toda sorte de bênçãos espirituais (Ef 1:3), indicando que a vida cristã não acontece ao redor de Jesus, mas n’Ele. A comunhão, portanto, nasce dessa união: não apenas recebemos algo de Cristo, participamos da Sua vida.

¹ Walter Bauer et al., *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, 3rd ed. (Chicago: University of Chicago Press, 2000), 552–553.

² Ludwig Koehler and Walter Baumgartner, *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*, rev. ed. (Leiden: Brill, 2001), 287; Gordon D. Fee, *Pauline Christology* (Peabody, MA: Hendrickson, 2007), 391–393.

³ Walter Bauer et al., *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, 3rd ed. (Chicago: University of Chicago Press, 2000), 1079–1081.

⁴ John Stott, *The Cross of Christ* (Downers Grove, IL: IVP Academic, 2006), 154–158.

⁵ Antonio Gilberto, *Teologia Sistemática Pentecostal* (Rio de Janeiro: CPAD, 2008), 355–358.



Essa união é apresentada no Novo Testamento como participação e pertencimento. Fomos “unidos ao Senhor” (I Co 6:17, 19 e 20), expressão que aponta para uma ligação profunda e contínua. A graça nos tira da condição de distanciamento e nos insere em uma comunhão viva, em que Cristo se torna nossa referência, fonte e direção. Aqui, a comunhão deixa de ser episódica e passa a ser relacional e constante.

Quando essa verdade é negligenciada, a fé tende a se reduzir a práticas externas. O cristão ora, serve e frequenta a igreja, mas vive como se estivesse separado de Cristo. A graça, porém, nos lembra que a comunhão não se sustenta no que fazemos para Jesus, mas no fato de que estamos unidos a Ele.

1.2 - A graça que nos liberta da barganha espiritual.

Um dos grandes perigos da vida cristã é transformar a comunhão com Jesus em barganha espiritual: fazemos, servimos, sacrificamos, esperando algo em troca. A graça, porém, nos liberta dessa lógica. O apóstolo Paulo afirma que tudo o que antes considerava lucro passou a ser perda *“por causa da excelência do conhecimento de Cristo Jesus”* (Fp 3:7-8) ⁶. Aqui, comunhão não é meio para alcançar bênçãos - Cristo é o próprio tesouro.

A graça corrige nossa motivação. Quando ela é compreendida, deixamos de nos aproximar de Jesus por interesse e passamos a buscá-Lo por quem Ele é. O desejo de *“ganhar a Cristo”* ⁷. (Fp 3:8-10) Revela assim uma relação marcada por rendição, não por negociação. A comunhão verdadeira nasce quando nada mais ocupa o lugar central no coração. *Enquanto houver algo que valha mais do que estar com Cristo, a graça ainda não foi plenamente acolhida.* ⁸

Esse princípio confronta diretamente as distrações espirituais e existenciais. É possível servir a Deus, frequentar a igreja e, ainda assim, perder o foco da presença.

A graça nos chama de volta ao essencial: *não buscamos Jesus pelo que Ele pode nos dar, mas porque fomos alcançados por Ele.* ⁹ Quando isso acontece, o serviço deixa de ser peso, e a comunhão deixa de ser interesseira, tornando-se expressão de amor, gratidão e entrega total.

1.3 - A graça que nos chama à presença antes do serviço

A graça não apenas nos perdoa e nos liberta da barganha espiritual; ela também nos chama à presença antes do serviço. No episódio de Marta e Maria (Lc 10:38-42), Jesus não reprova o servir, mas reordena as prioridades do coração. Marta está ocupada em fazer algo para Jesus; Maria, porém, escolhe estar com Jesus. A resposta do Senhor revela que a comunhão precede a atividade: *“uma só coisa é necessária”.* ¹⁰

Esse texto ensina que é possível amar Jesus, recebê-Lo em casa e, ainda assim, estar distraído d’Ele. A graça confronta essa inversão ao nos lembrar que a comunhão não nasce do muito fazer, mas do permanecer aos pés do Senhor. Antes de qualquer serviço cristão legítimo, existe um chamado à escuta, à atenção e à presença. Quando o serviço não flui da comunhão, ele gera ansiedade, comparação e peso espiritual. ¹¹

A graça, portanto, nos educa espiritualmente: ela nos convida a sentar, ouvir e aprender. É na presença de Jesus que o coração é alinhado, as motivações são purificadas e o serviço encontra sentido.

⁶ Gordon D. Fee, *Paul’s Letter to the Philippians* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1995), 318-325.

⁷ Luciano Subirá, *Até que Nada Mais Importe* (Campinas, SP: Orvalho.com, 2010), 21-34.

⁸ Antonio Gilberto, *Teologia Sistemática Pentecostal* (Rio de Janeiro: CPAD, 2008), 355-358.

⁹ Stanley M. Horton, *A Doutrina Bíblica do Espírito Santo* (Rio de Janeiro: CPAD, 1996), 41-43.

¹⁰ Craig S. Keener, *The Gospel of Luke: A Socio-Rhetorical Commentary* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2014), 312-314.

¹¹ Luciano Subirá, *Até que Nada Mais Importe* (Campinas, SP: Orvalho.com, 2010), 52-56.



- A igreja saudável é aquela que serve muito, mas serve a partir da presença e comunhão, e não em substituição a elas.

A comunhão verdadeira nasce quando escolhemos, como Maria, a “boa parte”, certos de que essa jamais nos será tirada.¹²

- Assim, a graça nos guarda de uma espiritualidade instável, marcada por altos e baixos emocionais. Ela nos mantém na presença do Senhor não porque somos constantes, mas porque Ele é fiel. Essa compreensão prepara o coração para o próximo fundamento: viver a comunhão pela fé, confiando continuamente naquilo que Deus já estabeleceu em Cristo.

- A graça nos colocou em Cristo; a fé nos mantém em Cristo.

2. A FÉ, PELA QUAL VIVEMOS

A comunhão com Jesus não é sustentada apenas pela graça que nos alcança, mas pela fé pela qual vivemos diariamente. No Novo Testamento, fé traduz o termo grego **pístis** (πίστις)¹³, que vai além de crença intelectual: envolve confiança, entrega e dependência contínua. A fé é o meio pelo qual permanecemos em Cristo, não apenas no início da vida cristã, mas em todo o seu desenvolvimento¹⁴. Por isso, Paulo afirma:

Gálatas 2:20

“... O viver que agora tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus...”

Na Palavra do Senhor, fé não é sentimento momentâneo, mas postura relacional. Ela regula a maneira como nos aproximamos de Jesus, como interpretamos as circunstâncias e como perseveramos na comunhão mesmo em meio às lutas. Sem fé, a comunhão se fragiliza, pois passamos a depender do que vemos, sentimos ou controlamos. A fé nos mantém firmes quando a presença de Cristo não é percebida por nós, quando emocionalmente abalados. (II Co 5:7).

- “Além disso, a fé protege a comunhão do legalismo e do ativismo religioso. Quando a fé é substituída por desempenho, a vida cristã se torna pesada e insegura. A fé verdadeira, porém, descansa na fidelidade de Cristo e não na constância humana.”

É por meio dela que permanecemos ligados ao Senhor, confiando que Aquele que iniciou a boa obra é fiel para completá-la (Fp 1:6). Assim, a comunhão com Jesus se mantém viva, estável e frutífera, mesmo em tempos de prova.

- Assim, a fé não é um acessório da vida cristã, mas o princípio diário que governa a comunhão com Cristo.

2.1 - A fé que nos mantém unidos a Cristo.

A fé é o elo vivo que nos mantém unidos a Cristo no cotidiano da vida cristã¹⁵. No texto base deste ponto 2, Paulo declara:

Gálatas 2:20

“... o viver que agora tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus...”

¹² Antonio Gilberto, *Prática da Vida Cristã* (Rio de Janeiro: CPAD, 2011), 97–101;

¹³ Walter Bauer et al., *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, 3rd ed. (Chicago: University of Chicago Press, 2000), 818–820.

¹⁴ Walter Bauer et al., *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, 3rd ed. (Chicago: University of Chicago Press, 2000), 818–820.

¹⁵ Douglas J. Moo, *Galatians* (Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2013), 178–181.



Isso indica que a comunhão com Jesus não se sustenta apenas por uma experiência passada, mas por uma dependência contínua. Fé, aqui, não é apenas crer em Cristo, mas permanecer confiando n'Ele, mesmo quando as circunstâncias não são favoráveis.

Quando a fé enfraquece, a comunhão se torna instável, pois passamos a viver guiados pelo que vemos, sentimos ou controlamos, e não pela verdade da Palavra ¹⁶. O apóstolo Paulo exemplifica essa postura ao afirmar:

II Coríntios 5:7

"... andamos por fé e não por vista..."

A fé sustenta a comunhão nos períodos de silêncio e espera e na aparente ausência de respostas. Quando a vida cristã é guiada apenas pelo que se vê ou sente, a comunhão oscila; quando é guiada pela fé, ela se mantém estável. A fé não elimina dúvidas instantaneamente, mas decide confiar, apesar delas.

A comunhão madura não depende de emoções constantes, mas de convicção perseverante.

Viver pela fé significa confiar em Cristo para além das evidências visíveis. A Escritura define a fé como:

Hebreus 11:1

"A certeza das coisas que se esperam e a convicção de fatos que se não veem."

Essa definição não descreve negação da realidade, mas uma confiança que se ancora na fidelidade de Deus, e não nas circunstâncias imediatas.

Assim, a fé cristã madura não exige sinais constantes para continuar caminhando. Ela se apoia no caráter de Cristo, na Sua Palavra e nas promessas já reveladas. Essa confiança perseverante guarda o coração do desânimo e prepara o discípulo para o próximo passo da fé: *submeter escolhas e decisões à confiança no Senhor, mesmo quando isso exige renúncia e obediência.*

2.2 - A fé que vence as distrações e as circunstâncias.

A fé que sustenta a comunhão com Jesus é também a fé que vence as distrações e interpreta corretamente as circunstâncias. Um dos maiores ataques à comunhão cristã não ocorre por meio do pecado explícito, mas por meio de distrações sutis que ocupam o lugar da presença.

A fé madura nos capacita a discernir o que é urgente do que é essencial, mantendo Cristo no centro, mesmo em meio às demandas da vida.

O apóstolo Paulo afirma que passou a considerar todas as coisas como perda:

Filipenses 3:8

"... por causa da excelência do conhecimento de Cristo... pela fé."

Essa declaração revela uma fé que não negocia prioridades.

Quando a fé é enfraquecida, as circunstâncias passam a ditar o ritmo da vida espiritual; quando a fé está firme, é a comunhão com Cristo que orienta decisões, escolhas e agendas.

- A fé não ignora as responsabilidades, mas impede que elas se tornem substitutas da COMUNHÃO.

¹⁶ Stanley M. Horton, Teologia Sistemática: Uma Perspectiva Pentecostal (Rio de Janeiro: CPAD, 1996), 532–534.



Esse princípio aparece de forma clara no relato de Marta e Maria. Marta permitiu que suas tarefas a distraísse da presença de Jesus, enquanto Maria, pela fé, escolhe permanecer aos pés do Senhor (Lc 10:38-42).

A fé, portanto, não é apenas crer que Jesus está presente, mas agir intencionalmente e conscientemente, dando a Ele prioridade absoluta.

Quando vivemos pela fé, não somos governados pelo ativismo, pela ansiedade ou pela pressão das circunstâncias, mas pela convicção de que nada é mais necessário do que estar com Cristo, e d'Ele virá tudo de que precisamos.¹⁷ Ela conduz a uma vida ordenada, coerente e perseverante, em que prioridades são revistas e decisões são tomadas com base na confiança de que obedecer a Cristo é sempre o melhor caminho, ainda que custe renúncia no presente.

2.3 - A fé que persevera e sustenta a comunhão.

A fé cristã não se manifesta apenas em momentos decisivos; ela se revela, sobretudo, na perseverança diária. A Escritura exorta:

Hebreus 12:1-2

"... corramos com perseverança a carreira que nos está proposta, olhando firmemente para Jesus..."

Perseverar pela fé significa continuar caminhando com Cristo mesmo quando o entusiasmo diminui, quando as respostas tardam ou quando a comunhão exige constância e disciplina.¹⁸

Paulo afirma em Romanos 11:20 que *"... é mediante a fé que permanecemos firmes"*. A fé sustenta a comunhão nos períodos de cansaço espiritual, protegendo o coração contra o desânimo e a desistência. Sem perseverança, a fé se torna episódica; com perseverança, ela se transforma em estilo de vida, capaz de atravessar crises sem romper a relação com Cristo.

Essa fé perseverante não se apoia na força humana, mas na fidelidade do Senhor. Por isso, Paulo declara estar *"...plenamente certo de que aquele que começou boa obra... há de completá-la..."*. (Fp 1:6)

A fé que persevera descansa nessa certeza: Cristo sustenta aquilo que Ele mesmo iniciou. Assim, a comunhão não depende da constância do discípulo, mas da graça e fidelidade do Senhor, recebidas e vividas pela fé¹⁹.

Essa compreensão prepara o caminho para o próximo fundamento: *a identidade que recebemos n'Ele, formada ao longo dessa caminhada perseverante.*

3. A IDENTIDADE QUE RECEBEMOS N'ELE

Identidade refere-se ao conjunto integrado de características que definem quem uma pessoa é, moldadas por pertencimento, relação cultura/história, valores, linguagem e práticas e/ou hábitos de vida. Ela não é apenas um rótulo, mas uma realidade construída e continuamente formada na relação com o outro e o contexto em que se vive.²⁰

No contexto bíblico é diferente:

II Co 5:17

"... Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo. ..."

¹⁷ Antonio Gilberto, *Prática da Vida Cristã* (Rio de Janeiro: CPAD, 2011), 115-118.

¹⁸ Gordon D. Fee, *Paul's Letter to the Philippians* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1995), 320-324.

¹⁹ Stanley M. Horton, *Teologia Sistemática: Uma Perspectiva Pentecostal* (Rio de Janeiro: CPAD, 1996), 533-536.

²⁰ Anthony Giddens, *Modernity and Self-Identity* (Stanford: Stanford University Press, 1991), 52-54.



Com esta base, “**identidade**” envolve:

- a. **Origem - (De onde venho?)** Refere-se à nova criação em Cristo. O crente não é mais definido por sua linhagem, etnia, cultura, etc., e/ou história de pecado, mas por seu novo ponto de partida no evento da redenção.
- b. **Referência - (A quem pertencço?)** Para Paulo, a identidade é estritamente **relacional**. Pertencer a Cristo como “*Senhor*” (*Kyrios*) é a marca distintiva do crente, substituindo qualquer outra lealdade anterior.
- c. **Direção - (Para onde caminho?)** Envolve a dimensão escatológica. A identidade cristã é orientada para o futuro, para a plena conformidade com a imagem de Cristo e o destino final com Deus, a vida eterna.²¹

Na vida cristã, identidade não é apenas uma condição espiritual declarada, nem uma posição espiritual abstrata, mas o resultado visível e progressivo da comunhão com Jesus, que passa a moldar nossa forma de pensar, escolher, reagir e viver. Assim, aquilo que Cristo é, pela comunhão, deve refletir-se em quem nós somos.²²

Isso é extraordinário, pois em Jesus Cristo não apenas somos salvos; passamos a refletir Sua vida em nós. Nossa comunhão contínua com Ele produz uma identidade que não é estática, mas relacional e formativa.

Assim como uma identidade cultural se constrói na relação com o território, a história e o meio social, a identidade cristã se constrói na relação diária com Cristo e Sua Palavra, na ação do Espírito Santo, no confronto com o mundo e na vivência comunitária entre os irmãos.²³

Por isso, Paulo afirma que, estando em Cristo, “... *tudo se fez novo...*”. Essa novidade não é apenas interior; ela se manifesta externamente. Quando a identidade em Cristo não é compreendida dessa forma, a fé se fragmenta: *o cristão crê corretamente, mas vive desconectado; confessa Cristo, mas reproduz valores que não refletem Sua vida.*

A identidade cristã saudável é aquela que traduz a comunhão em cultura espiritual, em valores visíveis e em um modo de viver coerente com Jesus. Não foi por acaso que, em Antioquia, os discípulos foram chamados de cristãos (At 11:26).

A expressão grega **christianos** (Χριστιανός) combina **Christos** (“Cristo, o Ungido”) com o sufixo latino - **ianus**, que indica “*pertencente a*” ou “*do partido de*”. Literalmente, significa “*aquele que pertence a Cristo*”²⁴. Era visível a todos que aqueles homens e mulheres, pela comunhão diária com Jesus, refletiam Cristo em sua maneira de viver.

3.1 A identidade que nasce da comunhão e do pertencimento a Cristo

A identidade cristã nasce, antes de tudo, de uma pergunta fundamental: *A quem eu pertencço?* O apóstolo Pedro afirma que os que estão em Cristo são “*geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo adquirido*” (I Pe 2:9–10). Essa linguagem não descreve apenas privilégios espirituais, mas pertencimento relacional e identitário. Pela comunhão com Cristo, deixamos de ser definidos pelo que éramos e passamos a ser definidos pelo Senhor que nos chamou.²⁵

²¹ Gordon D. Fee, *Pauline Christology* (Peabody, MA: Hendrickson, 2007), 389–401.

²² Antonio Gilberto, *Teologia Sistemática Pentecostal* (Rio de Janeiro: CPAD, 2008), 341–348.

²³ Stanley M. Horton, *Teologia Sistemática: Uma Perspectiva Pentecostal* (Rio de Janeiro: CPAD, 1996), 546–552.

²⁴ F. F. Bruce, *The Book of the Acts* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1988), 229–231.

²⁵ Karen H. Jobes, *1 Peter* (Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2005), 155–161.



Pedro escreve a cristãos dispersos culturalmente, mostrando que a identidade deles não era determinada pelo território, pela etnia ou pela pressão social, mas pelo relacionamento com Cristo. A comunhão com Jesus os havia formado como “*povo*”, mesmo em meio à dispersão. Assim, identidade cristã não é isolamento individual, mas pertencer a Cristo e, n’Ele, pertencer a um corpo.
26

Paulo reforça essa ideia ao afirmar que Deus “*nos transportou do império das trevas para o Reino do Filho do seu amor*” (Cl 1:13). Identidade, portanto, envolve transferência de domínio: mudamos de referência, de autoridade e de direção. Já não somos moldados primariamente pelos valores do mundo, mas pelo Reino ao qual agora pertencemos.

Essa identidade se aprofunda na comunhão contínua. Jesus afirma:

João 10:27

“... as minhas ovelhas ouvem a minha voz... e elas me seguem.”

Aqui, identidade é relacional e formativa: ouvir, seguir e permanecer. A comunhão diária com Cristo forma uma identidade reconhecível, estável e coerente, que nasce do pertencimento e se manifesta na maneira de viver.²⁷

Assim, entramos em águas mais profundas: *identidade cristã não é um rótulo religioso, mas uma vida moldada pela comunhão, em que Cristo define quem somos, a quem pertencemos e como vivemos.*

3.2 A identidade que redefine valores e escolhas

Se a identidade cristã nasce do pertencimento a Cristo, ela se aprofunda quando passa a reordenar valores e orientar escolhas. Paulo testemunha esse deslocamento identitário ao afirmar que tudo o que antes considerava lucro passou a ser perda “*por causa da excelência do conhecimento de Cristo Jesus*” (Fp 3:7–8). Aqui, identidade não é apenas quem somos, mas redefine nossos valores. Nosso coração revela a identidade que vivemos.

Essa reordenação não elimina responsabilidades, mas muda o eixo da vida. A comunhão verdadeira mostra que Cristo não é um meio para que alcancemos fins, mas Ele é nosso objetivo e desejo final. Quando isto acontece, Cristo se torna o valor supremo, escolhas práticas são transformadas: *agenda, prioridades, uso do tempo, linguagem e relacionamentos*.²⁸ A identidade em Cristo deixa de ser apenas confessional e passa a ser operacional.

Esse processo é formativo e contínuo. Jesus ensina que onde está o tesouro, ali estará o coração (Mt 6:21). Valores moldam desejos - desejos moldam decisões. Assim, a identidade cristã madura não se constrói por imposição externa, mas por convicção interna gerada pela comunhão.²⁹ Quando os valores são redefinidos, as escolhas se alinham; e quando as escolhas se alinham, a vida passa a refletir Cristo de modo coerente e visível.

Entramos, então, em águas ainda mais profundas: *a identidade que recebemos n’Ele organiza a vida*. Não vivemos mais reagindo às pressões culturais ou às urgências do momento, mas escolhendo a partir do Reino ao qual pertencemos. Essa identidade forma uma espiritualidade estável, capaz de dizer “*não*” ao que distrai e “*sim*” ao que preserva a comunhão com Jesus.³⁰

3.3 A identidade que se manifesta como cultura cristã visível.

²⁶ Antonio Gilberto, Teologia Sistemática Pentecostal (Rio de Janeiro: CPAD, 2008), 343–346.

²⁷ Craig S. Keener, The Gospel of John: A Commentary, vol. 1 (Peabody, MA: Hendrickson, 2003), 823–826.

²⁸ Luciano Subirá, Até que Nada Mais Importe (Campinas, SP: Orvalho.com, 2010)

²⁹ Antonio Gilberto, Prática da Vida Cristã (Rio de Janeiro: CPAD, 2011), 115–120.

³⁰ Stanley M. Horton, Teologia Sistemática: Uma Perspectiva Pentecostal (Rio de Janeiro: CPAD, 1996), 549–552.



A identidade que nasce da comunhão com Cristo e redefine valores não permanece apenas no plano interior - ela se manifesta externamente como uma cultura de vida cristã. Foi em Antioquia, “... *que os discípulos foram, pela primeira vez, chamados cristãos*” (At 11:26). Esse título não surgiu por decreto, mas por percepção social: *a maneira de viver daqueles homens e mulheres tornava Cristo visível. A identidade gerada pela comunhão havia se tornado reconhecível.* ³¹

A identidade cristã, portanto, não era apenas confessada - era observável. Isso revela que a comunhão com Jesus produz hábitos, linguagem, prioridades e relações que formam uma cultura distinta. Onde há comunhão real, há um modo de viver que reflete o caráter de Cristo no cotidiano.

32

Esse princípio também aparece no contraste entre Marta e Maria (Lc 10:38-42). Marta expressa uma cultura marcada pelo ativismo e pela ansiedade. Maria expressa uma cultura da presença e da escuta. A identidade moldada pela comunhão escolhe a “*boa parte*” e organiza a vida a partir da presença antes da performance. Assim, a identidade cristã saudável não rejeita o serviço, mas subordina o fazer ao ser e o ser à comunhão.

Quando essa identidade se consolida, o cristão passa a comunicar o Evangelho não apenas pelo discurso, mas pelo testemunho visível. Valores do Reino tornam-se práticas cotidianas e a fé torna-se estilo de vida. É assim que a identidade em Cristo cumpre seu propósito: *tornar Cristo visível no mundo, por meio de uma comunidade cuja cultura foi formada pela comunhão com Jesus.*

4. VIDA DEVOCIONAL DIÁRIA: A ATITUDE QUE DESENVOLVE, PRESERVA E APROFUNDA A COMUNHÃO

Se a graça nos alcança, a fé nos mantém e a identidade se forma, a vida devocional diária é a atitude indispensável que sustenta, aprofunda e preserva a comunhão com Jesus. Ela não é um elemento opcional da espiritualidade cristã, mas o ambiente onde a comunhão acontece e amadurece. Jesus ensina:

Mateus 6:6

“Entra no teu quarto, fecha a porta e ora a teu Pai.”

Essa orientação revela que a comunhão exige intencionalidade, disciplina e constância. ³³

A vida devocional não é mera prática religiosa, mas relacionamento cultivado. O salmista declara que “*o justo é como árvore plantada junto a ribeiros de águas, que dá o seu fruto no tempo certo*” (Sl 1:1-3). A imagem não descreve um encontro ocasional, mas permanência. A comunhão com Jesus se fortalece quando criamos espaço diário para ouvir Sua Palavra, falar com Ele em oração e permitir que o Espírito Santo nos forme interiormente. ³⁴

Os materiais de apoio reforçam que muitas crises espirituais não começam no pecado visível, mas no abandono progressivo da vida devocional. Quando o tempo com Deus é substituído por atividades, distrações ou até pelo próprio serviço cristão, a comunhão enfraquece. A vida devocional diária protege o coração contra esse esvaziamento espiritual, mantendo Cristo no centro das decisões.

³¹ F. F. Bruce, *The Book of the Acts* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1988), 229-231.

³² Stanley M. Horton, *Teologia Sistemática: Uma Perspectiva Pentecostal* (Rio de Janeiro: CPAD, 1996), 548-552.

³³ Craig S. Keener, *The Gospel of Matthew: A Socio-Rhetorical Commentary* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2009), 214-216.

³⁴ Walter Brueggemann, *The Psalms and the Life of Faith* (Minneapolis: Fortress Press, 1995), 35-38; Antonio Gilberto, *Prática da Vida Cristã* (Rio de Janeiro: CPAD, 2011), 87-92.



- “A nossa vida devocional sustenta todos os fundamentos citados acima. É nela que a graça é lembrada e celebrada, a fé é fortalecida e a identidade é reafirmada. Sem devoção diária, a graça pode ser esquecida, a fé pode oscilar e nossa identidade em Cristo pode se diluir.”

Com devoção diária, a comunhão se torna estilo de vida, e não apenas experiência esporádica. Assim, a vida devocional diária não é um fim em si mesma, mas o meio pelo qual permanecemos em Cristo e frutificamos para a glória de Deus com o auxílio do Espírito Santo (Jo 15ss.).

4.1 Desenvolvendo uma vida devocional diária e consistente.

A vida devocional diária não se sustenta por improviso, mas por princípios espirituais claramente revelados nas Escrituras. A Bíblia nos mostra, por meio de exemplos concretos, como homens e mulheres de Deus cultivaram uma comunhão constante, profunda e transformadora com o Senhor.

a. Estabelecer um tempo fixo e intencional com Deus.

A consistência da vida devocional começa com decisão e intencionalidade. O próprio Jesus nos deixou esse exemplo:

Marcos 1:35

“E, levantando-se de manhã muito cedo, estando ainda escuro, saiu, e foi para um lugar deserto, e ali orava.”

A comunhão não era algo eventual na vida de Jesus, mas parte de Seu ritmo diário.

Definir um tempo específico para estar com Deus, ainda que simples, cria constância espiritual. A regularidade forma o coração mais do que encontros longos e esporádicos. Uma devoção curta, mas diária, sustenta mais a comunhão do que momentos intensos, porém irregulares.

b. Integrar a Palavra e a oração de forma relacional.

Uma vida devocional saudável integra leitura da Palavra e oração, pois é nesse movimento que o relacionamento se aprofunda. O Senhor orientou Josué:

Josué 1:8

“... não se aparte da tua boca o livro desta lei; antes, medita nele dia e noite...”

A meditação bíblica conduz à obediência e à transformação interior. Quando essas duas práticas caminham juntas, a devoção deixa de ser mecânica e se torna relacional. A Escritura é lida não apenas para informar, mas para formar o coração segundo a vontade do Senhor. Não nos referimos aqui ao estudo e à pesquisa relacionados às ministrações para as quais você esteja se preparando, mas sim, ao seu encontro diário com o alimento e sustento da sua alma e seu momento de encontro íntimo com Jesus e Sua Palavra. Insistimos - *aplique-se nisto*.

c. Proteger o tempo devocional das distrações.

Grande parte da fragilidade devocional não nasce da falta de tempo, mas da falta de qualidade deste, causada pelo excesso de distrações. Jesus ensinou claramente:

Mateus 6:6

“...entra no teu quarto e, fechada a porta, ora a teu Pai...”

O ensino aponta para separação intencional, foco e prioridade. Proteger o tempo devocional é também um ato de batalha espiritual. Aquilo que não é guardado com zelo acaba sendo substituído por tarefas cotidianas, pela ociosidade, por urgências (*que, em 99%, não são legítimas*) e até pelo próprio serviço cristão. Separar um ambiente e silenciar as distrações é reconhecer, na prática, que a comunhão com Jesus ocupa o lugar central em sua vida.



d. Praticar o devocional como estilo de vida, não apenas como ritual.

A vida devocional não se limita a um momento isolado - ela se estende ao longo do dia como estilo de vida diante de Deus. Isaque nos oferece um exemplo precioso:

Gênesis 24:63

"Isaque saíra a meditar no campo, à tarde..."

O texto revela uma prática regular, integrada ao cotidiano.

Essa espiritualidade constante forma um coração sensível à presença de Deus. Pequenas orações, vigilância interior, gratidão e meditação mantêm a comunhão viva ao longo do dia. Assim, a devoção deixa de ser apenas um ritual e se torna um hábito espiritual, de quem vive realmente na presença do Senhor.

e. Caminhar em comunhão.

A vida devocional também é fortalecida na comunhão com outros irmãos. Em Filipos, Paulo e seus companheiros *"foram, no dia de sábado, a um lugar onde se costumava fazer oração"* (At 16:13). Ali encontraram Lídia, e daquele encontro nasceu comunhão, conversão e igreja.

A espiritualidade bíblica não é isolada. Compartilhar a caminhada e aprender em comunidade ajuda a perseverar na fé e também assume um caráter evangelístico e de assistência espiritual, especialmente em tempos de cansaço, crises e lutas que alguém possa estar enfrentando.

A comunhão com os irmãos sustenta e fortalece a constância da comunhão com Deus, e temos, em nosso Ministério, uma ferramenta extraordinária para isto, a *Família Cristã*. Se você ainda não desfrutar das benesses deste programa da Igreja, procure hoje mesmo seu pastor local ou o líder do departamento do qual você faz parte e *comece seu ano*, enriquecendo a sua vida e família com mais Palavra e a presença do Senhor.

Em síntese - uma vida devocional diária consistente não nasce da obrigação, mas da consciência de pertencimento. Quem compreende a graça, vive pela fé e tem sua identidade firmada em Cristo deseja naturalmente estar com o Senhor.

As práticas devocionais não criam a comunhão - elas preservam, aprofundam e sustentam a comunhão que já recebemos em Jesus.

CONCLUSÃO

Ao longo desta palavra, fomos conduzidos ao CONHECIMENTO, e aprendemos que ser relevantes para Deus é viver em comunhão com Jesus.

Não falamos de uma comunhão superficial, ocasional ou apenas emocional, mas de uma relação viva, contínua e formativa.

A graça nos alcançou quando não podíamos nos salvar e a fé nos mantém firmes independentemente das circunstâncias; a identidade em Cristo redefine quem somos e a vida devocional diária sustenta tudo isso no cotidiano da vida cristã.

A comunhão com Jesus não é um acréscimo à vida cristã, ela é o seu centro. Quando essa comunhão é preservada, toda a vida se organiza corretamente. Quando ela é negligenciada, mesmo boas atividades espirituais perdem o sentido.



Por isso, ser relevante para Deus não começa no que fazemos para Ele, mas em quem nos tornamos n'Ele. A verdadeira relevância espiritual é refletir Cristo de forma visível, coerente e perseverante no dia a dia.

Diante disso, somos chamados não apenas a compreender, mas a responder a essa palavra com atitudes concretas.

AÇÕES PRÁTICAS

1. Reorganize suas prioridades a partir da comunhão com Jesus

A comunhão com Cristo nos chama a rever o que ocupa o centro da nossa agenda e do nosso coração. Assim como Maria escolheu a “boa parte”, somos convidados a colocar a presença de Jesus antes das urgências e do ativismo religioso. Isso implica em tomar decisões práticas: *reorganizar horários, reduzir distrações e proteger o tempo com o Senhor Jesus*. Uma vida relevante para Deus começa quando a presença precede a performance.

Refleta: *O que hoje compete com o meu tempo diário com Jesus?*

2. Viver diariamente a identidade que recebemos em Cristo

A comunhão com Jesus forma uma identidade visível. Somos chamados a viver como aqueles que pertencem a Cristo, refletindo Seus valores em palavras, atitudes e escolhas. Isso significa dizer “não” ao que não expressa o Reino, e “sim” ao que revela o caráter de Cristo em nós. Quando nossa identidade está clara, nossas decisões se alinham e nossa fé se torna coerente e reconhecível.

Refleta: *Minhas escolhas diárias refletem quem eu sou em Cristo?*

3. Sustente a comunhão por meio de uma vida devocional diária consistente.

Nenhuma comunhão permanece saudável sem cuidado contínuo. A vida devocional diária, a Palavra, a oração e a meditação são resultado da comunhão ativa e o meio pelo qual permanecemos em Cristo.

Não se trata de perfeição, mas de constância. Mesmo em dias difíceis, escolhemos estar com o Senhor, porque entendemos que é na presença d'Ele que somos renovados, corrigidos e fortalecidos.

Refleta: *Que passo concreto posso dar hoje para tornar minha vida devocional mais constante?*

Que o Senhor nos conduza a um lugar mais profundo de comunhão com o Senhor Jesus, onde a graça nos sustente, a fé nos firme, a identidade nos forme e a devoção nos preserve. E que, ao vivermos assim, nossa vida se torne, de fato, relevante para Deus, não apenas pelo que fazemos, mas por quem refletimos: Jesus Cristo, nosso amado Senhor e Salvador.

God bless you, and your Family!

E não se esqueça: ***“O Senhor Jesus Cristo se importa com você!”***

Pr. Francis Brito
ADBelém - London – UK

Janeiro de 2026

BIBLIOGRAFIA

Bauer, Walter, Frederick W. Danker, William F. Arndt, and F. Wilbur Gingrich. 2000. A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature. 3rd ed. Chicago: University of Chicago Press.
Bruce, F. F. 1988. The Book of the Acts. Grand Rapids, MI: Eerdmans.
Brueggemann, Walter. 1995. The Psalms and the Life of Faith. Minneapolis: Fortress Press.



- Fee, Gordon D. 2007. *Pauline Christology: An Exegetical-Theological Study*. Peabody, MA: Hendrickson.
- Fee, Gordon D. 1995. *Paul's Letter to the Philippians*. Grand Rapids, MI: Eerdmans.
- Giddens, Anthony. 1991. *Modernity and Self-Identity: Self and Society in the Late Modern Age*. Stanford, CA: Stanford University Press.
- Gilberto, Antonio. 2008. *Teologia Sistemática Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD.
- Gilberto, Antonio. 2011. *Prática da Vida Cristã*. Rio de Janeiro: CPAD.
- Harris, Murray J. 2005. *The Second Epistle to the Corinthians*. Grand Rapids, MI: Eerdmans.
- Horton, Stanley M. 1996a. *A Doutrina Bíblica do Espírito Santo*. Rio de Janeiro: CPAD.
- Horton, Stanley M. 1996b. *Teologia Sistemática: Uma Perspectiva Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD.
- Jobes, Karen H. 2005. *1 Peter*. Grand Rapids, MI: Baker Academic.
- Keener, Craig S. 2003. *The Gospel of John: A Commentary*. Vol. 1. Peabody, MA: Hendrickson.
- Keener, Craig S. 2009. *The Gospel of Matthew: A Socio-Rhetorical Commentary*. Grand Rapids, MI: Eerdmans.
- Keener, Craig S. 2014. *The Gospel of Luke: A Socio-Rhetorical Commentary*. Grand Rapids, MI: Eerdmans.
- Koehler, Ludwig, and Walter Baumgartner. 2001. *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*. Rev. ed. Leiden: Brill.
- Moo, Douglas J. 2013. *Galatians*. Grand Rapids, MI: Baker Academic.
- Stott, John, *The Cross of Christ*. Downers Grove, IL: IVP Academic, 2006
- Subirá, Luciano. 2010. *Até que Nada Mais Importe*. Campinas, SP: Orvalho.com.
- Comunhão com Jesus – Carta aos Gálatas*. Material didático interno.
- Pregação sobre Marta e Maria: A Melhor Parte*.